

José de Mesquita

*da Academia Matogrossense de Letras
do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*

Gente e cousas de antanho

– Mato-Grosso na Guerra do Paraguai –

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO
DE MATO GROSSO
1951-1952
ANOS XXII-XXIV – TOMOS LV a LVIII

TIP. ESCOLA INDUSTRIAL DE CUIABÁ
-1952-

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjesquita.htm>

I

Prisioneiros dos paraguaios

A “Revista Militar Brasileira”, excelente publicação que honra o nosso Exército, de cujo Estado Maior é órgão, publicou em seu volume XXIV o relatório do então major Cunha Matos acerca dos prisioneiros de Lopes. A leitura desse interessante documento, cujo extravio Rio Branco, em suas preciosas notas a Schneider, lamentara e agora oferecido á curiosidade dos nossos historiógrafos pelo genro daquele oficial, despertou-me o desejo de dar a lume algumas notas colhidas sobre o assunto, aqui e ali, à flor dos nossos arquivos tão pouco estimados e conhecidos, quando deveriam ser os nossos *sacra scrinia* do Passado, a exemplo do que eram para os latinos as venerandas fontes da. História de Roma.

Os primeiros prisioneiros dos paraguaios foram justamente os passageiros do “Marquês de Olinda” em que vinha o presidente nomeado para substituir Albino de Carvalho – cel. Frederico Carneiro de Campos.

A infeliz vítima da guerra não logrou rever a terra da pátria, pois, aprisionado a 12 de Novembro de 1864, tais foram às provações que sofreu e os maus tratos de que se viu alvo o inditoso militar, que

JOSÉ DE MESQUITA

menos de três anos após, a 4 de Novembro de 1867, succumbia em Passo Pocú. O mesmo não succedeu a Cunha Mattos que mais afortunado, conseguiu fugir, com outros companheiros, depois da batalha de Lomas Valentinas, em 1868. Em seu relatório minucioso, cheio de preciosos informes acerca da situação dos prisioneiros e da maneira pela qual eram tratados, ha referencia ao «escrivão Coelho, irmão do bravo major Coelho, que contra os paraguaios, alcançara em Mato Grosso, importante vitória». Trata-se evidentemente de um dos filhos de Vicente Coelho, que os teve onze, sendo 5 do sexo masculino. Coelho teria sido preso a bordo do «Marquês de Olinda», ou mais tarde, já durante o período da invasão? Não me foi possível verificá-lo.

Um dos prisioneiros dos paraguaios foi Alonso José Barreto, irmão do P. Ernesto Camilo Barreto. Casado com D. Maria Brasileira Pires Barreto, filha de Joaquim P. da Silva, Alonso faleceu em Assunção, juntamente com o seu sogro sendo os seus restos transportados, em 1871, para Cuiabá.

O P. Ernesto, em seu testamento feito em 1896, refere-se ao irmão, cuja ossaria diz ter sido colocada debaixo da urna do altar do seu oratório particular. A viúva de Alonso casou-se, em segundas núpcias, a 23 de Janeiro de 1877, com o dr. Cirilo José Pereira de Albuquerque, viúvo por sua vez de D. Augusta Rosa Gaudie, neta do Capitão-mór André Gaudie Ley, por sua filha Ana de Alvim.

Na tomada de Corumbá, a 3 de Janeiro de 1865, caiu em poder dos invasores Antônio Gaudie Ley, o 12º filho do capitão-mór Gaudie, que exercia importante cargo na Alfândega daquela cidade. Como os infelizes compatriotas acima referidos, Gaudie succumbiu aos rudes tratos e ás sevicias lopistas e veio a morrer em Assunção, pouco tempo depois de aprisionado. D. Mariana Rosa, sua sobrinha e viúva, veio para a Capital da então província, onde criou e educou a sua prole.

No assalto de Miranda, em 1865, entre outros brasileiros, foi aprisionado o Doutor Manoel João dos Reis, cirurgião do corpo de caçadores a cavalo. Em 1870 procedeu-se, no juízo eclesiástico de Cuiabá, a uma justificação para prova do seu óbito, na qual se afirmou haverem sido ele e mais companheiros mortos na ponta Caraguataí.

Entre os prisioneiros de Corumbá figura um Salvador Correa da Costa, que foi casado com D. Inês Nonato Correa da Costa, deixando ao falecer, em Assunção, um testamento holográfico, que consta do Livro de registro de testamentos que existe no Cartório da Provedoria.

Posto o patronímico e inculque membro da família Corrêa da Costa, não encontrei referência alguma à sua ascendência que me permitisse enquadrá-lo nessa numerosa linhagem.

Conta Estevão de Mendonça, no volume I das *Datas* que em fins de Fevereiro de 1870 chegaram a Cuiabá 99 pessoas das que, em 1865, Barrios aprisionara em Corumbá. Seria curioso conhecer a relação desses redivivos, escapos á sanha do inimigo, após um lustro de guerra, e volvendo á paz dos seus lares e ao doce aconchego das suas famílias.

Muitos, é verdade, não encontrariam os seus queridos, que o flagelo da varíola lavara. Todos vinham encontrar as condições da vida completamente transformadas e onde antes imperava a alegria e a fartura. viriam achar o luto e a miséria. Mas, ainda assim, que doce o prazer do retorno, posto o amargasse, em lágrimas e insultos, a dor da ausência e da separação de tantos entes que haviam deixado e não mais lhe era dado encontrar! A terra-mãe, a terra amiga do berço, é sempre linda, sempre amorosa, sempre desejada mesmo quando em vez dos atavios virginiais de um noivado promissor nos recebe, em seus lugentes dós de viúva a prantear, conosco, aqueles que a morte arrebatou, mas continuam vivendo em nossa imarcescível saudade...

II

O capelão da vitória

(P. Francisco Bueno de Sampaio)

Si ha uma figura do clero cuiabano do ultimo quartel do século passado que merece exumada da funda cova de indiferença e olvido em que o deixou a frivolidade dos contemporâneos, é sem discussão, a do P. Sampaio, o Capelão da coluna Antonio Maria, que libertou, a 13 de junho de 1867, Corumbá do poder do paraguaio invasor. Conta o nosso efemerista, Estevão de Mendonça, na pagina do seu precioso livro dedicada a esse sacerdote, que, por ocasião da organização da força destinada a ir retomar do estrangeiro aquela então vila, os capelães militares da guarnição pretextaram moléstia a fim de se eximirem ao cumprimento do encargo, indo o P. Sampaio espontaneamente oferecer-se para substituir os timoratos que assim se acovardavam diante do perigo, a ponto de esquecer o sentimento do dever. E, no assalto, quasE foi morto sendo que uma das balas com que o alvejaram cortou o bernal que a tiracolo trazia. Esse feito valeu-lhe as honras de capelão honorário, com que o galardoou o governo imperial, mas não bastou a salvá-lo do silencio que em torno do seu nome se fez, deixando a posteridade na ignorância de muitas e curiosas particularidades da vida do valoroso capelão da vitória que, em outro meio, que não o nosso, já teria o seu nome consagrado por

qualquer dessas formas que se barateiam, para endeusar heróis de malacacheta e papelão, como os ha muitos por ai a gozar de glorias mal ganhas e pouco merecidas.

Órfão aos quatro anos, pois seu pai, Francisco Bueno de Sampaio, faleceu a 29 de Setembro de 1845, não encontrou outros elementos a auxiliá-lo senão o próprio trabalho e a força de vontade com que procurou encaminhar-se na luta da existência. Ao desaparecer, nada legou Sampaio à sua numerosa família, composta da viúva, Ana Josefa de Sampaio e doze filhos: Rita, Vicente, Maria Arcângela, Ana Jacinta, Porfírio, João, Antonio, Luiza, Francisca, Francisco, Miguel e Mariana. O penúltimo ficou de 8 meses e a derradeira foi póstuma, como se vê do inventario procedido perante Juiz de órfãos, em 1845. Das suas irmãs, casaram-se Rita com o major André Gaudie Ley, Maria Arcângela com Antonio Peixoto de Azevedo e, em segundas núpcias, com João Felix Peixoto de Azevedo, Ana Jacinta com o Cel. Luiz Benedito Pereira Leite, Francisca com Luiz José Botelho. Do espolio de Sampaio, que fôra negociante, constavam, alem de dividas de borrador, quase todas incobráveis, um terreno cercado de taipa, na rua dos Pescadores e a casa de morada, na rua da Esperança, avaliada em 4.000\$, que Gaudie, seu genro, penhorou em paga do que lhe devia a herança.

O que foi o P. Sampaio deveu-o a si próprio: não teve pai alcaide, nem mimos da fortuna lhe afofaram o berço. Esta circunstancia vale notada na biografia do sacerdote, como exemplo dignificante.

Dos prismas variados do seu espírito merecem destaque o de jornalista e educador. Colaborou em muitos periódicos locais, tendo feito parte de associações literárias que floresceram naqueles decênios fecundos de 1870 a 1890. Fundou o colégio S. *Francisco*, que manteve até a guerra.

Como sacerdote, a sua atuação foi limitada: sei que andou paroquiando, entre 1875 e 1885, no Diamantino e no Livramento.

Com menos de cinqüenta anos faleceu o P. Sampaio, que conforme noticia um jornal da época, jazia quatro anos paralítico, no grabato da dor, suportando com cristã resignação o seu sofrimento.

De longe lhe vinha porém o estado mórbido, manifestado ainda na mocidade, a ponto de criar dificuldades à sua ordenação sacerdotal.

Que mal seria esse a desafiar a nosologia retrospectiva de um desses Corlieu ou Jacoby a que se refere Julio Damas, no seu curioso estudo sobre “A morte de D. João III”? Certo que ele tinha desde moço uns ataques dos quais se julgou curado em 1865, ao requerer ao Bispo D. José, “a graça de conferir-lhe o Sagrado Presbiterato”, juntando um documento, que mostra achar-se são e livre daquela irregularidade. O documento é um atestado passado pejo Dr. José Antonio Murinho, datado de 11 de Março daquele ano nos seguintes termos.

«Eu abaixo assinado, Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro – Atesto que o Rdo. Francisco Bueno de Sampaio ha um ano pouco mais ou menos não sofre de ataques que costumava ter depois do uso de uma preparação vermífuga parecendo por essa razão estar livre daqueles incômodos: Em fé do que lhe passei o presente atestado que afianço em virtude do meu grau» D. José despachou a petição determinando que satisfaria. o pedido, podendo cuidar o requerente das habilitações necessárias.

Procedeu-se ás fórmulas prescritas, sendo ao ordenando facultado celebrar a sua primeira Missa na solenidade de N. S^a das Dores, que caiu a 7 de Abril.

O jornalzinho *A Brisa*, nº 26, edição de Maio de 1890, noticia a morte do P. Sampaio, ocorrida às 3 horas da manhã de 17 daquele mês «vítima da grave enfermidade que sofria». Era Cônego e Capelão reformado do Exército. Morreu aos 48 anos. Moutinho, o malédico Moutinho, na sua *Noticia*, faz-lhe o mais expressivo encômio, sintetizando-lhe o caráter neste incisivo período: « O dr. Carlos José de Souza Nobre e o padre Francisco Bueno de Sampaio também entrarão denodadamente no combate, onde mostraram admirável coragem a par de muito amor a pátria». Es as palavras do curioso observador luso, que inaugurou a «reportagem» entre nos – valem pelo melhor epitáfio do bravo capelão da vitória.

Nada lhes é preciso aditar.

III

No tempo da guerra

Em Mato-Grosso, quando se fala em «guerra», genericamente, entende-se a guerra do Paraguai, que teve como um dos principais cenários a antiga Província, vítima, como a do Rio Grande do Sul, da invasão das tropas lopesinas. Até essa época, costumava-se empregar a expressão referindo-se à lutas fronteiriças que notabilizaram o período colonial, quando, na extrema oeste, Vila Bela se fazia reduto de resistência contra os castelhanos. Era a «guerra contra os espanhóis».

Curioso fenômeno de revivescência atávica fez que, um século após, os descendentes dos que lutaram pelo Brasil no setor guaporéano, viessem a cognominar a pugna que se feriu nas campanhas sulinas contra os fanáticos do ditador Solano Lopes, de «guerra dos espanhóis». Espanhóis eram, pela raça e pela língua, os paraguaios de 1864 e a lide que se feria, obedecendo a uma dessas leis imponderáveis da psicologia coletiva, tinha suas raízes na velha rivalidade peninsular que atirara tantas vezes uma contra outra as duas nações ibéricas.

Ainda há pouco ouvi, no interior, referir-se um sertanejo à guerra do Paraguai como a «guerra com os espanhóis», o que não causa menos espécie do que outros fenômenos, curiosos de sobre vivência mental, como aquele de se dizer aludindo a um estrábico «F. olha para a Espanha», expressão naturalmente vinda de Portugal e mantida sem maior exame no linguajar do povo, si é que por Espanha se não designavam as próprias Colônias que colindavam com a Capitania portuguesa.

JOSÉ DE MESQUITA

Seja como for, valem um registro esses dizeres, posto seja assunto mais para lingüística que para historiadores, e, por isso, voltemos à estrada reína, donde nos havíamos afastado, em digressão a que o próprio desenvolver do assunto muitas vezes obriga.

A leitura da interessante correspondência de Francisco Correa da Costa, senhor que foi do engenho do Abrilongo e do sítio do Amparo, propiciou-nos o conhecimento de algumas particularidades acerca do ambiente cuiabano durante os dias angustiosos de 1864, 1865. Essa correspondência, existente no arquivo do nosso Instituto Histórico, representa infelizmente uma contribuição unilateral, pois se constitui somente das cartas por de e outras recebidas, faltando, para esclarecimento de pontos duvidosos as expedidas por Francisco Corrêa.

Ainda assim, valioso tributo representam ao estudo de um período bem pouco examinado em seus bastidores, sendo sabido o valor que sempre se deu – e hoje ainda mais – à epistolografia, como elemento subsidiário da História.

A 17 de Janeiro de 1865, José Vicente Corrêa, (I) lhe escrevia de Cuiabá uma longa e minuciosa carta, em que dizia: «Por ter agora algum tempo dirijo lhe esta, tendo por fim noticiar lhe os acontecimentos havidos nas nossas fronteiras do Baixo Paraguai.» E depois de relatar o combate do Forte de Coimbra que resistiu «por espaço de 48 horas debaixo de um fogo vivo de 6000 inimigos e 9 vapores de guerra, sendo a nossa força de 195 homens e o vapor de guerra Amhambai», relata textualmente: «V. já saberá o que houve na horrível noite de 7 para 8 do corrente, estando quase todos entregues ao sono pois seriam 11 horas da noite quando espalhou-se nesta Cidade a chegada do vapor Paranhos, com a aterradora notícia de que havia sido arrasado (sic) o Corumbá e que talvez os inimigos viessem tomar a Capital, com isto rompeu o rebote no Quartel e seguiu-se os sinos das Igrejas porem com tal confusão que umas tocavam agonia, outras dobravam e algumas tocavam a rebote, o povo corria em borbotão para fora da Cidade era um alarido de choros de crianças e mulheres, e mesmo os homens quase todos fugiram e só apresentamo-nos no ato do conflito para nos armar no Arsenal de Guerra 100 Cidadãos que com a força da G. Nal. fazia no todo 400 homens neste estado aterrorador enchi-me de satisfação por ver

(I) José Vicente Correa, filho de M. Joaquim Correa (o Iº) e tio de Elvira Carolina, esposa de Francisco Corrêa

GENTE E COUSAS DE ANTANHO—MATO-GROSSO NA GUERRA DO PARAGUAI

que um só Corrêa não fugiu o que mesmo deu nos olhos de muitos, essa diminuta força nos esmorecia bastante quando foi a tarde achava-se ela no dobro e nos seguintes dias foi crescendo progressivamente e hoje contamos com cerca de 3000 homens.»

Nessa descrição singela, mas expressiva, do pânico estabelecido em Cuiabá pela notícia da tomada de Corumbá, vale notado o sentimento de nobre orgulho com que José Vicente se refere aos de sua estirpe, dos quais um sequer desertou o seu posto na hora trágica do pavor coletivo. E prossegue: No dia 15 as 9 horas da manhã chegou uma parada com ofício do Comandante das Armas, enviado do Sará, ou ilha de Bugio no rio S. Lourenço, no qual dizia que tinha-se retirado do Corumbá com toda a força sem que ao menos avistasse o inimigo (isto que é ser covarde) e assim desamparou ponto mais fortificado da nossa fronteira sem queimar uma escorva, este militar ou papelão logo que soube da tomada de Coimbra deu parte de doente e passou o Comdo. das armas ao T. Cel. Camisão...». Depois de narrar a resistência planejada pelo futuro herói de Laguna, conta haver, a 31 de Dezembro, chegado a Corumbá sua filha Inês e o marido Ricardo, fugidos de Albuquerque, onde os paraguaios já haviam entrado. Fizeram o trajeto a pé, por «7 léguas de moraria», tendo logo em chegando, tomado, com outras famílias, o “Jaurú”, ficando, por incômodos de saúde, na fazenda do Chané, de José Dias. E continua, profligando sempre o proceder do Comandante das armas, que era o coronel Carlos Augusto de Oliveira: «Com notícia da entrada em Albuquerque o velho armas assumiu o Comdo. e então ordenou a vergonhosa evacuação de Corumbá e espera-se por ele todos os dias vejamos o que a ele sucede, os ânimos de toda a força armada estão exacerbados, mesmo o Prez. tem-se conservado por milagre, já o quiseram depor o que ele estimaria bastante pois está descoroçoado porém o Leverger declarou positivamente que não tomava as rédeas do Governo, com isto amainaram os ânimos...»

Mais um gesto de nobreza e desprendimento do grande bretão, que com o recusar a presidência, a fim de evitar o desprestígio de Albino de Carvalho, três dias após a data da carta (a 20 de Janeiro) seguia para Melgaço, tranquilizando só com esse gesto a população alarmada. Da situação, um mês depois, dá conta a seguinte carta, datada de 11 de fevereiro, de d. Maria da Conceição de Toledo, mãe do Francisco Correa a seu filho Augusto, estabelecido no Rio Abaixo: «Com bastante amargura pego a pena para te dirigir estas

JOSÉ DE MESQUITA

duas regras dizendo-te que recebi a tua carta datada de 3 de fevereiro onde dizia-me que se achava bom e estimado das pessoas boas. Ora isto para uma Mãe que vive aflita cheio de cuidado cervio de lenetivo algumas horas; a mesmo tempo mto pezaroso pelas noticias que me deu o Cezario (2) não estava aí e que os espanhoes (3) já estava no Pirain e que fico muito aflita pelo seu Irmão mil imagem pavoroso apoceouse da minha alma de tal sorte que tantas vezes dizia que permita Deus que eu pace os transi da morte do que ver meus filhos com a morte cruel por esses barbos. Á desventurosa Mãe que tem filhos porque vive sempre com alma despedaçada creia que é tão verdade que a nossa Senhora das Dores deu esse emzemplo; deixo a pena a esse assunto passando a outro no dia 10 desde aqui chegou o snr. Gabre F. com a família estes me conta da inundação do Porto que foram 150 casas ao fundo da água onde a m^a. de baxo tão bem e que agora está de recurso ao povo, veja se isto não e castigo mas seja feita a vontade de Deus. Aqui fico pedindo a ele para ti e todos para te dá saúde e livrar dos perigos o Narcizo fica bom e pede bença e receba de tua Mãe aflita Maria da Conceição de Toledo»

A esse documento honorável, comovedor na sua singeleza, que põe a nu um coração materno, trepido de receios pelos filhos, acrescentaremos, como remate uma preciosidade encontrada entre a correspondência do senhor do “Amparo”. É uma carta escrita do Melgaço, datante 31 de Janeiro (de 1865) e dirigida por Leverger a José Vicente Correa:

«Comp. e Am^o. Melgaço 31 de Janeiro. Agora chegou aqui um canoinha que conta ter visto na boca de baixo do Pirahy um vapor Paraguaio que dali voltou para baixo. Isto não me surpreende: é natural que procurem reconhecer o país e a navegação do rio. Não é motivo para novo pânico. Diga pois em casa que não tenham cuidado. Mande-me a pequena bacia que costume trazer em viagem e a caixa do chapéu armado com que vim que ficou aberta na cidade seu comp. Am. A. Leverger.»

(2) Cesario Correa da Costa, outro irmão de Francisco, Augusto Correa, casado com a filha de Leverger.

(3) Os paraguaios.

Nessa meia dúzia de linhas, está todo o homem. Conciso, ponderado, lúcido, sereno. No posto avançado. á espera do inimigo, nada lhe esquece, com a calma de quem dá ordens no seu gabinete. E o amor á família – grande animatriz dos heróis – o seu desvelo carinhoso, lá transparece na frase tranqüilizadora. Todo Leverger – com a sua divisa «Sempre pronto» ai está nas linhas expressivas desse documento que resai, destarte, da intimidade de uma epistola compadresca para a gloria luminosa dos cimélios históricos.

IV

O ano das bexigas

I

A extensão do flagelo

Memorabilizou-se nos anais matogrossenses o ano de 1867 como o “ano das bexigas”, passando destarte á História com esse epíteto expressivo e doloroso. Não que fosse o primeiro ou mesmo o único ano, em que apparecesse entre nós a epidemia da varíola: já em 1814 causara o terrível morbo grande estrago na guarnição do Forte do Príncipe da Beira, reincursionando ainda por duas vezes em Mato-Grosso, em 1901 e 1907, posto de caráter mui benigno. Em 1867, porém. revestiu a feição trágica de uma hecatombe a cruel enfermidade que, alastrando-se por toda a província. dizimou a população, espalhou a morte, a viuvez, a orfandade, o luto e a miséria por todos os lares. A falta de uma História sanitária ou melhor médica de Mato-Grosso, é uma lacuna sensível no estudo retrospectivo de nossa existência coletiva, dificultando o esclarecimento de pontos vários do nosso Passado imersos na mais completa obscuridade. Ensaio se têm escrito no gênero, quando não referencias muito vagas, em obras de assunto geral, abordando o caso incidente ligeiríssimamente. Para notado é o estudo de M. Costa, citado no Album gráfico, bem como os da Comissão Rondon e os do Dr. Antonio Ferrari, talentoso cultor da medicina e dedicado amante de sua terra, cuja Geografia médica esboçou em conferência feita na Academia Nacional de Medicina a 10 de Novembro de 1921. (I)

(I) Ensaio de Geografia Médica de Mato Grosso, pelo Dr. Antonio Ferrari, Rio, 1914.

Tais ensaios, entretanto e menos ainda as obras sobre Mato-Grosso que se referem *per summa* à varíola, de 1867, nada de positivo adiantam acerca da verdadeira latitude do surto epidêmico, reconstruindo-lhe o alcance, fixando-lhe a letalidade, através da demografia e da estatística, braços direito e esquerdo da História. Todos limitam-se a dizer que a varíola em Cuiabá e nas localidades, do Norte reduziu a população, á metade, chegando o já citado: M Costa à estimativa de 6.500 vítimas, em pouco mais de 3 meses (2).

Moutinho, que ao se referir a esse lúgubre capítulo da nossa História o faz com grande paixão, pois perdeu na epidemia “um cunhado, duas escravas, duas agregadas, e finalmente um filho” (3) diz que “numa população de 12.000 almas, mais da metade sucumbiu, e parte levantou-se disforme”.

São verdadeiramente dantescas as páginas que descrevem a calamidade que afligiu o povo cuiabano nos meses de Julho a Outubro de 1867. As cores carregadas com que pintaram o quadro Moutinho, Taunay, J. Severiano e outros, ainda assim devem ficar mui distanciadas da realidade. 60 anos nos separam da era trágica, mas aí estão, vivos e recordados ainda do drama, testemunhas presenciais que lhe foram, tantos que o mal não prostrou, mas nem por isso deixou de acobrunhar pelo seu sinistro cortejo de desolação e de horror.

Ouvi-los é rememorar, num calafrio de pavor, o ambiente sombrio daqueles dias dramatizado ainda mais pejas circunstâncias especiais em que se encontravam a cidade e todo o norte da província no receio de uma iminente agressão dos paraguaios.

Delinea-se-nos, ao vivo o quadro angustioso, digno do pincel de Goya ou de um Rembrandt, ou da pena de um autor impressionista que lhe vincasse os aspectos em cenas nítidas e flagrantes. Aqui é o êxodo da população em pânico, rumo aos sítios e engenhos, buscando uns o caminho do sertão onde os acomete o mal, tombando ali vitimas menos da doença que da mingua de recursos que a atalhassem.

(2) Álbum Gráfico do Estado de Mato Grosso, pag. 48.

(3) Noticia sobre a Província de Mato Grosso, pag 178.

Ali é a infiltração do mal conduzido aos mais remotos lugares pelos que justamente buscavam esquivar-se-lhe aos efeitos, determinando assim o grande alastramento da varíola, que irradiando de Cuiabá atingiu com pouco os núcleos de população do norte Guia, Brotas, Rosário, Diamantino, Rio Abaixo e Serra Acima. Acolá é o espetando aterrorizante do pânico, os enterramentos sumários, dando lugar a casos como aquele que de muito antes se conta do celebrizado Manoel Cova, que ao ser atirado á vala voltou a si com a pancada que recebeu do coveiro e, em comprimento a um voto, erigiu a capela dos Passos, onde antes havia apenas o Oratório do mesmo nome. Mais alem é todo o cortejo macabro da fome penetrando os lares, da miséria secundando a ação da peste, da torpeza valendo-se da geral desorganização para cevar os instintos de usura, rapacidade ou lascívia, no trágico repasto do vicio corvejando sobre a morte. Pesar de tais circunstancias, não ha como olvidar a ação dos soldados do 2º batalhão de artilharia a pé, a que o povo adjudicou Pitoresco epíteto oriundo do seu modo de trajar. Esses beneméritos, conquanto explorassem à sua parte a situação, muito fizeram no tratamento dos doentes e inumação dos cadáveres.

Sem entrar a discutir as medidas acertadas ou não do Governo Couto de Magalhães, analise que este ensaio não comporta e ulteriormente se fará, releva notar a absoluta impossibilidade de circunscrever o mal, depois de manifestado, numa cidade aberta, com cem saídas, para o interior, composta de uma população infensa á imunização vacínica e, o que é pior, tomada do duplo pavor – da guerra e da peste, a desorganizar-lhe a função nervosa, perturbando-lhe a serenidade na psicose coletiva que é o pânico, de tão funestas conseqüências.

Assim é que quando, a 5 de Julho – precisamente ha 6 décadas – surgem os primeiros, casos fatais em Cuiabá, o espírito publico, já se encontrava sob a terrível apreensão de ameaça do flagelo, que uns atribuíam a um castigo dos horrores de 1834, outros a inépcia da administração – explorando politicamente o caso – e outros ainda julgavam triste resultante da tumultuaria retirada de Corumbá, praticada ás pressas e já conduzindo a coluna o gérmen letal e desfigurante morbo.

Longos e minuciosos informes estatísticos, bebidos em segura fonte, qual o registro de óbitos do arquivo eclesiástico, me habilitaram, senão a fazer uma segura reconstrução dos fatos, pelo menos a contribuir com ligeiros mais, inéditos subsídios, ao assunto em questão. Mui alongado, porém, já vai este folhetim, ficando para objeto do seguinte a estatística mortuária da varíola em Cuiabá, no ano de 1867, estatística em que se apanharão também os estragos da epidemia nos arredores da Capital, sobretudo na zona da Serra, cujos livros de óbitos registram, com muita fidelidade, os dolorosos efeitos das “bexigas”, quer na povoação da Chapada, quer nos “engenhos” que por toda a serra acima se espalhavam, em grande numero, a atestarem a prosperidade daquela zona outrora florescente. . .

II

Dados estatísticos

Vinha servindo como Cura da Sé e nesse caráter, encarregado dos assentamentos de nascimentos, casamentos e óbitos, no ano de 1867, o padre José Jacinto da Costa e Silva. Os livros de registro que tive ocasião de compulsar no Arquivo eclesiástico não trazem, porém, a letra daquele sacerdote, que, como se sabe, foi uma das vítimas do flagelo, falecendo a 7 de Setembro do ano fatídico. Foram os assentamentos lançados em dois livros, de ordem do Provisor e Vigário Geral P. Ernesto Camilo Barreto, tendo sido encontrados em verbetes no espolio do finado P. Jacinto. Autenticaram os registros o P. João Leocádio da Rocha. Cura que foi em substituição ao falecido e o P. Simão Moreira da Rocha, coadjutor da Sé. Compreende o primeiro livro assentamentos, de óbitos que vão de 1 de Março de 1865 a 31 de Agosto de 1867, prosseguindo o outro desta data até o ano de 1873. Percebe-se bem quão omissos e falhos deveriam ter sido tais assentamentos no tocante ao período do surto epidêmico em sua maior expansão. A balburdia, o pavor, a desorganização geral repercutiram por certo na marcha de tal serviço, impedindo, por um lado, o conhecimento de todos os casos ocorridos e, por outro, fazendo que se extraviassem registros já feitos em nótulas volantes. Basta considerar-se que o próprio clero foi rudemente provado, tombando nada menos que treze Sacerdotes cuiabanos, vitimados pelo horrendo morbo.

GENTE E COUSAS DE ANTANHO—MATO-GROSSO NA GUERRA DO PARAGUAI

Datam, como ficou dito, de 5 de Julho os primeiros assentamentos de óbitos ocasionados pela varíola em Cuiabá. Há, é verdade, assentos anteriores, mas de falecimentos ocorridos em Corumbá, no mês de Junho, de soldados do Primeiro Batalhão Provisório. A primeira vítima registrada em Cuiabá foi o soldado desse Batalhão Joaquim de Assunção Batista, elevado logo no primeiro dia a seis o numero de óbitos.

De 5 a 22 dizimou a varíola os soldados do Batalhão Provisório, recém vindo de Corumbá, que acabavam de reconquistar aos paraguaios. Não ultrapassa, entanto, o máximo de 9, no último dos dias referidos, o número de mortos, perfazendo, ao todo, 72 vítimas em 17 dias.

A 23 de Julho verifica-se o primeiro caso fatal na população civil, na pessoa de Januário de tal, solteiro, de 36 anos que foi sepultado no Coxipó.

Os enterramentos dos variolosos vinham sendo feitos no campo, até que, a 31 de Julho começaram a se efetuar no Cemitério de Nossa Senhora do Carmo, conhecido como Cai-cai, onde foi o primeiro a ser inumado o soldado Antonio Botelho, do Quinto Batalhão de Artilharia. Logo se alastra a epidemia, já então em franca expansão, subindo o numero de vitimas a 16 no dia 26 de Julho, 19 no dia 27 e mantendo-se em cifras elevadas, com o mínimo de 11, no dia 29, até o fim do mês, num global de 18, para o período de 5 a 31 de Julho. Abre-se o mês de Agosto com o máximo até então atingido de 20 óbitos, registrando-se os dois primeiros casos em pessoas do sexo feminino. Foram Vicência Maria, de 31 anos e Benedicta Leite, de 20, ambas solteiras, as primeiras mulheres que a varíola sacrificou em Cuiabá. Estende o terrível vírus epidêmico os seus tentáculos letais pelos arrabaldes e circunvizinhanças da cidade, Barbado, Bandeira, Coxipó-Assú e já a 4 de Agosto sobe a 32 a cifra dos mortos, eleva-a 33, no dia 5, e a 40 no seguinte dia.

Decorre o mês de agosto em franca disseminação do mal, que apenas nos dias 7, 9, 11, 18, 19 e 24 registra número inferior a uma dezena de vitimas.

JOSÉ DE MESQUITA

Não menos, aterradora a estatística com que se inicia o mês de Setembro, culminando, a 4 desse mês, o número de mortos registrados, em mais de meio cento, e fazendo, só na primeira semana, que foi, ao que parece, a fase crítica da epidemia, 245 vítimas, pelos assentamentos.

Do dia 1 a 7 de Setembro a mínima ficou em 23 mortos, justamente no primeiro desses dias, oscilando sempre entre 29 (dia 2) e 52 (dia 7) nos demais. A 7 falece o P. Jacinto, Cônego e Vigário Geral, de 43 anos de idade, e daí por diante é um verdadeiro caos o registro de óbitos, que faz saltos para diante e parra trás, parecendo que iam os assentamentos sendo feitos anárquica e tumultuariamente – isso mesmo quando o eram – e á mercê das possibilidades que a epidemia ainda permitia.

Tal confusão não consente que daí por diante se estabeleça a progressão do mal, como nos meses anteriores, a fase aguda do alastramento da epidemia. Acentua-se o êxodo a população. Estende-se o pânico até as zonas afastadas. Fugitivos demandando o planalto, com rumo a Goiás, tombam, em caminho, levando o mal inoculado para propagá-lo inscientemente.

É o que se nota através do livro de assentamentos da Chapada, onde servia como Vigário o padre Joaquim de Souza Caldas cuja escrituração miudeaciada e bem feita contrasta com o tumultuário registro da capital. Observam-se os primeiros casos na Estiva e no Sítio do Góis, perto da hoje Capim Branco ou Estação Cel. Ponce.

É precisamente a 7 de Setembro, quando, em Cuiabá, o vasto brasileiro consumidor de vidas ardia e se alastrava famélicamente, que, no destacamento da Estiva, perece com uma filha e, escravos que o acompanhavam, Joaquim Norberto de Faria Albernaz, logo acompanhado de perto pela esposa D. Ana Virginia, já vitimada no Rio Manso, de volta para Cuiabá.

Ateado o incêndio epidêmico, não ha mais conte-lo. Caem logo os guarda-nacionais do destacamento da Estiva e começa a varíola a se infiltrar pela zona populosa dos engenhos serranos – atingindo a 124 o número de vitimas constante dos assentos de Setembro a Dezembro de 1867.

Longe está de combinar o número de óbitos registrados com o que a tradição e os informes legados pelos documentos contemporâneos autorizam a crer fosse verdadeiro – mas, é bem de notar que os assentos permitem, conquanto naturalmente omissos, acompanhar a progressão da epidemia nos seus primeiros meses e é de supor que nessa primeira fase espelhassem exatamente a realidade. De maneira que se pode ajuizar em 183 as vítimas do mês de Julho, em 484 as de Agosto – pelos assentamentos – difícil será imaginar as de Setembro, cujo total de assentamentos anda em 293, pois que o registro nesse mês só tem certa regularidade até o dia em que morreu o P. Jacinto. Contrasta semelhante observação com a assertiva de Moutinho que deu como a fase aguda da epidemia o meado de Agosto, em que no seu dizer, “a peste tocou ao extremo”. Parece que o auge do mal foi atingido em Setembro, como acima ficou dito.

Como quer que seja, a varíola só entrou a declinar em Cuiabá no mês de Outubro, continuando ainda a aparecer um ou outro caso, já então esporádico, nos subseqüentes meses. Em Janeiro de 1868 registra-se ainda um enterramento no Cai-cai – o de Felicíssimo de Souza Vilela – posto não conste do registro fosse a varíola a *causa mortis*.

É o último sepultado no lúgubre Cemitério dos “bexigentos”, Teria sido a última vítima da varíola em Cuiabá?

III

A outra epidemia

Vimos, nos anteriores folhetins, a cidade assolada pelo terrível mal das “bexigas”, o terror empolgando toda a população, o ambiente pestífero contaminando as circunvizinhanças e infiltrando-se aos mais remotos sítios, o pânico fazendo mais vítimas que a própria epidemia, a anarquia introduzindo-se na vida social, administrativa e familiar, e, num doloroso ciclo de provações e angustias, Cuiabá, viver, durante três meses, uma das mais amarguradas páginas da história. A heróica filha dos bandeirantes, a sertaneja mimosa que dorme placidamente á sombra esmeraldina do Lavapés e da Prainha, cujos pés se embebem na água serena do rio lendário e cuja fronte radiosa se ergue, na grácil moldura dos coqueiros e dos laranjais, como um sorriso abençoado de Deus á criação, – vestia naqueles dias pesados o sombrio véu da viuvez, quando não os andrajos misérrimos da indigência e da desolação: A mão potente da aniquiladora de energias parecia ter-se espalmado num gesto ultriz ou castigador, sobre todos os filhos e moradores da cidade do Bom Jesus.

E, entre as lágrimas dos que ficavam e os trágicos estertores dos que partiam, vimos desenrolar-se, através da eloqüência aterradora e fria da estatística, o quadro pavoroso da morte.

E eis que com pouco – nem uma estação havia decorrido – transmuda-se o cenário, metamorfoseia-se o espetáculo, numa espantosa transição do trágico para o lírico, sucedendo-se improvisa-

GENTE E COUSAS DE ANTANHO—MATO-GROSSO NA GUERRA DO PARAGUAI

mente aos episódios na câmara ardente, ainda fumegante dos círios funerários, a alegria estonteante dos epitálios no tálamo engrinaldado de rosas gorgeantes dos sorrisos. . . Eterno contraste da vida que só a sonhadores habituados a platonismos irreais pode causar surpresa: o amor refluindo, como uma primavera; após o inverno, fazia do luto da véspera ressurgir, entre esperanças, a alegria suprema de viver. . .

Ao culto sinistro de Atropos, precedido de dobre de sinos, com a sua indumentária lúgubre de chorões e negros mantos ltuosos erguia-se a festa do Himineu, pitorescamente celebrada com bombas e foguetes, ao desabrochar juvenil das flores de laranjeira. . .

É Moutinho, o circunspeto narrador da hecatombe de 1867, o feroz denegridor das cores no traçar o painel daqueles dias hofmannianos, que nos põe diante dos olhos, ao vivo, o reversa do quadro, nestas palavras expressivas:

“Depois do drama – a comedia. Ainda vertiam sangue das chagas abertas pelos tristes acontecimentos que narramos, ainda era pesado o luto – quando Cuiabá apresentava um aspecto, a nosso ver, mais doloroso que o do passado. Nunca pensamos que a um drama tão doloroso sucedesse de pronto comedia tão burlesca!

As vitimas da epidemia foram logo esquecidas, e sobre suas sepulturas ainda revoltas – erguiam-se os banquetes de bodas. A cidade estrondeava ao estampido de bombas e foguetes, levantados ao ar em festejos de dezenas de casamentos.”

Foi já observado e pertence ao domínio normal da psicologia que o coração humano tende a procurar, nas grandes crises, o conforto de outro coração que com ele se solidarize. Daí o nascer o amor com mais freqüência das dores partilhadas que de todos os prazeres recíprocos.

Que dizer então generalizando o conceito de uma desventura individual para uma calamidade pública, que dizer de um caso como esse que submergiu na dor mais profunda a população de Cuiabá no *ano terrível*?

JOSÉ DE MESQUITA

É, aliás, fato conhecido, que a História registra aos montes, esse de sobrevir após as hecatombes horríficas da guerra e da peste uma febre de natalidade, uma floração de casamentos, um frutecer de novos rebentos humanos, como que a espécie, num instinto eminentemente conservador, procurando refazer-se e compensar-se das perdas sofridas...

Injusto foi Moutinho quando increpou ao nosso povo esse fato como uma monstruosidade, quando é um acontecimento perfeitamente natural e humano, explicado cientificamente, psicologicamente e, á luz da História até um fato trivial.

A vida é feita de tais compensações. Esqueceu o autor da “Notícia” o que, embora no domínio da natureza mas com inteira aplicação ao mundo moral, escreveu o seu patricio, o admirável autor dos Lusíadas:

“Depois de procelosa tempestade
Noturna sombra e sibilante vento,
Trás a manhã serena claridade”...

Mas desçamos das alturas do Parnaso ao rês do chão da realidade, mais adaptada á índole destes rodapés que se propõe antes a fazer História que Literatura.

Houve, de fato, essa febre, casamenteira, essa vertigem matrimonial em Cuiabá, após a varíola de 1867? Houve.

E aqui entram em jogo os arquivos que, melhor que qualquer outro depoimento, elucidam semelhante capítulo curioso de nossa vida coletiva.

Posto haja desaparecido o livro de registro de casamentos da Sé referente aos anos de 1867 e 1868, que melhor subsidio prestaria á verificação do caso em estudo, consegui pelas justificações feitas no cartório eclesiástico estabelecer interessante confronto entre o ano de 1867 e os que se lhe seguiram e o antecederam.

Como é sabido, as justificações para casamento por via de regra se faziam ou quando era de mister provar a qualidade de solteiro de um ou de ambos os nubentes (justificação de estado livre) ou

GENTE E COUSAS DE ANTANHO—MATO-GROSSO NA GUERRA DO PARAGUAI

quando havia entre os desposandos parentesco em grau proibido (justificação de premissas) ou quando ainda ocorria a necessidade de provar a viúves de um ou dos dois contraentes.

Representam, assim, os casamentos precedidos de justificações uma porcentagem menor ou maior da cifra total dos efetuados, permitindo, ainda assim, estabelecer presumidamente a proporção anual de matrimônios levados a cabo.

São estas as cifras estatísticas cuidadosamente inferidas do exame dos processos matrimoniais existentes no Cartório eclesiástico, índice seguro para as pesquisas desta ordem, pois todas as preliminares do processo, bem como o próprio processo, de casamento, corriam pelo foro da Igreja:

1864: - 13

1865: - 10

1866: - 19

1867: - 34

1868: - 66

1869: - 30

Vê-se o sensível acréscimo nos anos de 1867 e 1868 e 1869 que se seguiram á varíola, notando-se que mesmo no ano fatal foi de 14 o numero de justificações havidas no 1º semestre, ascendendo a 20 as do 2º, na seguinte ordem:

Julho: - 4

Agosto: - 0

Setembro: - 0

Outubro: - 5

Novembro: - 10

Dezembro: - 1

Os meses de Agosto e Setembro foram os de completa paralisação da vida urbana, determinada pela franca disseminação do mal letífero e avassalador. Mas já em Novembro se vê altear a 10 o número dos casadouros justificando as suas pretensões.

JOSÉ DE MESQUITA

O ano de 1868, porém, culmina entre os demais na apogeu matrimonial, podendo-se-lhe aplicar a frase citada por Júlio Dantas acerca dos casamentos lisboetas no começo do século XVIII: “Nunca se casou tanto em Portugal!”

Das 66 justificações procedidas é de notar que 48 foram de – estado livre – em geral figurando como justificantes oficiais, inferiores ou praças da milícia, sendo 4 sumaríssimas, o que demonstra a sofreguidão com que essa gente ainda mal escapa da campa convolava as doçuras do tálamo.

Figuram entre esses justificantes – quase meia centúria – um belga, um boêmio (de Praga), um italiano, um paraguaio e mais de um português, delatando assim apreciável enxertia de seiva estranha no velho tronco bandeirante.

Não menos indicativo se afigura o livro de assentamentos de casamentos da Paróquia de S. Gonçalo, apresentando um global de 36 enlaces para 1868, cifra que por si só equivale á dos anos imediatamente anterior e posterior (11 e 15).

Ha entre as justificações de 1868 duas de viúves em que se pretende provar a morte do cônjuge, ocorrida entre o tumulto dos dias trágicos da peste, e – o que é mais raro – até uma de minoridade, bastante expressiva para evidenciar a verdadeira ânsia casamenteira que se propagou com tanta ou mais fúria contagiante do que a própria epidemia. . .

E é só o que rezam , as crônicas acerca da febre de caráter benigno que, no ano da graça de 1868, reinou por estas bandas, depois das malignas “bexigas”.